

# OS JORNAIS ESCOLARES EM MATO GROSSO: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

## THE SCHOOL NEWSPAPERS IN MATO GROSSO: PATHWAYS FOR LITERARY READER TRAINING

RENATA BEATRIZ BRANDESPIN ROLON\*

**RESUMO:** É objetivo deste artigo revelar a presença dos jornais escolares no Estado de Mato Grosso no início do século XX. Por meio de análises de alguns números dos periódicos *O Pequeno Mensageiro* e *O Liceu*, comprovamos as articulações entre literatura e jornalismo, assim como o pulsar do tecido social de um determinado contexto.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornais escolares, literatura juvenil, formação do leitor.

**ABSTRACT:** It is the objective of this article, to reveal the presence of the school newspapers in the state of Mato Grosso, in the early XX century. Through the analysis of some numbers of the journals *The Small Messenger* and *The High School*, we prove the articulations between literature and journalism, as well of the social fabric of a particular context.

**KEYWORDS:** school newspapers, youth literature, reader training.

---

\* Professora Adjunta e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (UEA/PPGLA).

Na construção do panorama histórico das práticas culturais em Mato Grosso evidenciamos o fato de que foi nos jornais do início do século XX, em solo mato-grossense, que a imprensa publicou os primeiros textos literários direcionados ao público juvenil que ora se formava, consolidando assim a prática leitora no Estado.

Outro ponto do fio de Ariadne que se desenrola em nosso artigo é o caso da imprensa escolar mato-grossense, a qual contribuiu sobremaneira para a formação do leitor jovem. Os jornais *O Pequeno Mensageiro* e *O Liceu*, apresentados visualmente em meio a nossas análises, exerceram importante papel nesse âmbito. *O Pequeno Mensageiro* surgiu na década de 1920, e *O Liceu*, na década de 1930. Na abordagem desses dois jornais escolares está a tônica dos assuntos, das ações e da representação da criança analisados neste artigo.

### Os jornais escolares em Mato Grosso

Os periódicos em Cuiabá, a capital do Estado, tiveram um papel importante no processo de formação e desenvolvimento da literatura local. Dentre os pesquisados, acreditamos que há aqueles que não foram pensados exclusivamente para crianças, mas aqui estão arrolados pelo título e pelo fato de terem circulado dentro das escolas.

Em um breve quadro histórico, citamos *O Amiguinho* (1912), jornal dedicado às crianças e editado pelo professor Gustavo Kulmann; *O Tagarela* (1912), redigido por um grupo de estudantes; *O Pequeno Mensageiro* (1922), publicação mensal impressa nas oficinas Salesianas; *A Chrysallida* (1926), periódico da Mocidade Estudiosa Liceu Cuiabano, sob a direção do escritor Martins de Oliveira. Na sequência, encontramos registros de *A Voz do Aluno* (1934), periódico escolar sob a direção de Guy de Mesquita, Luiz de Lamônica e Augusto V. Campos; *Folha Juvenil* (1937), editado por Aziz Z. Amiky e tendo como redator-chefe João Batista Martins de Melo; e o jornal *3 de Setembro* (1939), órgão dos alunos da Escola Barão de Melgaço, sob direção de Eduardo Figueiredo, Antonieta Rieis Coelho e outros colaboradores.

Dentre todos os citados, destacamos *O Pequeno Mensageiro*, publicação mensal que vai de 1922 a 1933. Além das cópias existentes, microfilmadas, há al-

guns números digitalizados na página da Hemeroteca Digital Brasileira,<sup>1</sup> que vão de 1922 a 1932. No catálogo<sup>2</sup> do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal do Mato Grosso (NDHIR/UFMT) consta o seguinte registro: 141922 – mar./maio – nov. – 4, 1926 – nov. – 1; 1927-jan.-jun.-nov. – 8; 1928 – maio – 1; 1929 – jun./jul. – 2; 1930 jan./abr. – 4; 1931 – fev.-abr.-maio – 3; 1932 – jul.-nov.-dez. – 4; 1933 – jan.-jun. – 2. Destacamos ainda o periódico *O Liceu*, que teve uma vida mais breve: foi publicado de 1937 a 1944. No NDHIR,<sup>3</sup> constam as microfilmagens de 1937, dos meses de abril a dezembro; de 1939, do mês de outubro; e as de 1944, dos meses de novembro e dezembro. Ambos periódicos apresentavam nos créditos de redação e administração o nome do Lyceu Salesiano São Gonçalo.

### ***O Pequeno Mensageiro e O Liceu***

É da tipografia do Colégio Salesiano São Gonçalo que surgiram os primeiros e mais importantes exemplos da imprensa escolar mato-grossense, no início do século XX. Tivemos contato direto com os impressos escolares da Congregação, recuperados pelo NDHIR e que foram microfilmados através de um programa nacional de recuperação de periódicos brasileiros realizado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.<sup>4</sup>

---

1 Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=765619&pesq=>>. Acesso em: 3 dez. 2018.

2 Catálogo de microfilmes existentes no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal do Mato Grosso (NDHIR /UFMT, 1994).

3 O NDHIR possui um expressivo acervo constituído de reproduções em microformas, digitais, referências virtuais, imagéticas, orais e acervo impresso bibliográfico de obras raras, com cerca de aproximadamente 2.000 volumes e um considerável acervo de periódicos.

4 Ver FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1994.



Fig. 1: Primeira página e página interna do jornal *O Pequeno Mensageiro* (nº 165, abr. 1931), com destaque para os nomes dos alunos no quadro de honra.

Os jornais escolares publicados pelos salesianos dirigiam seu foco de interesse para temas específicos como modos e regras, dentro e fora do espaço escolar; religião; recreação; instrução; esporte; literatura (pequenos contos e narrativas de viagens); fotos; calendário das datas festivas religiosas e demais notícias sobre a fé católica. As matérias traziam o cotidiano dos alunos, da escola e da ordem salesiana. Informes com o desempenho escolar são recorrentes nos números analisados. Nesses informes, eram estas as classificações dadas aos alunos nomeados: “ótimos, muito bons, bons e regulares” (*O Pequeno Mensageiro*, nº 165, abr. 1931).

Na coluna “Deveres dos alunos em tempo de férias”, relatavam-se as obrigações dos alunos mesmo quando fora da escola. São lembrados os ensinamentos que determinam a formação do homem nobre e virtuoso. Há 14 deveres que vão desde aqueles que se deve ter para com Deus até o horário máximo de sono e descanso.

Nessa mesma coluna, o ensinamento de número 7, denominado “Leitura”, chama a atenção. Nele se explica: “Nunca ler livros ou jornais imorais, e nem

mesmo romances, sobretudo os que não forem previamente reconhecidos como morais, porque podem causar grandes males, além do tempo precioso que assim se perde” (*O Pequeno Mensageiro*, nº 165, abr. 1931).

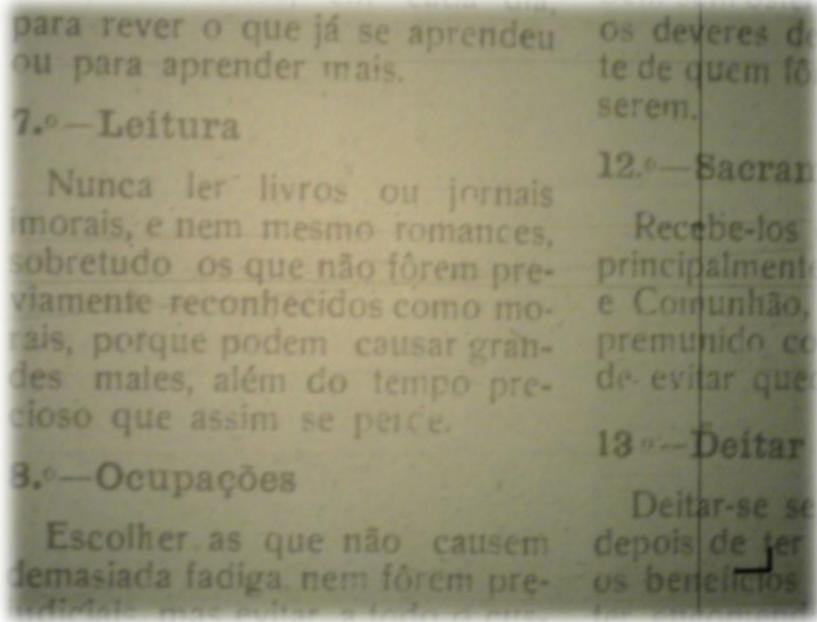


Fig. 2: Página de *O Pequeno Mensageiro* (nº 165, abr. 1931), alertando sobre os perigos da leitura.

No fragmento reproduzido sobre as indicações de leitura, notamos que os livros recomendados eram somente aqueles que objetivavam cuidar da educação humana, que consistiam em preparar o indivíduo para se autodirigir, tornar-se um discípulo autônomo, generoso, lúcido e honesto. Narrativas literárias, somente aquelas que poderiam contribuir para aquisição do conhecimento e da moral, enfim, para a formação do aluno.

Na observação de outro número do jornal, verificamos a postura dos redatores referente às leituras a que as crianças e jovens do Estado tinham acesso. Criticavam-se os livros manuseados pelas crianças dentro e fora da escola que só tratavam de assuntos banais e continham muita fábula e fantasia. Transcrevemos trecho de artigo que ocupa a primeira página:

[...] Lamentavelmente, porém, é o que se dá em nosso paiz. Abundam os livros escolares – com aprovação oficial ou sem ela nos quaes se encontram, historias, contos e fábulas que, geralmente, primam pela ausência de qualquer ensino moral. São leituras ocas de sentido, quando não levianas e perigosas. Que devemos esperar de uma mocidade, que vae a escola para se preparar para a arena da vida, e passa os annos escolares em ler e ouvir ninharias e futilidades? (*O PEQUENO MENSAGEIRO*, nº 153, fev.1930).

Tal reação deveria condicionar os leitores em formação para leitura de jornais, revistas e livros para um único direcionamento: o que a própria Congregação Salesiana seguia e no qual acreditava. A leitura deveria ter sempre uma função, que não era a de entreter. Esperavam-se textos com discursos que ilustrassem questões morais, religiosas e cívicas.

Os contos e fábulas são entendidos como sendo aqueles onde há a inclusão de personagens, cenários e situações inventadas para tornar a leitura mais agradável e prazerosa para as crianças. Essas invenções, no entanto, só poderiam ser consideradas válidas se, assumidamente, fossem apenas uma estratégia para ensinar verdades e cumprir a finalidade pedagógica dos interessados.

Contudo, apesar do forte teor pedagógico presente na imprensa escolar e de sua expressão ultrapassada, não podemos negar que os dois jornais, assim como os demais que compõem o panorama dessa imprensa em Mato Grosso, cumpriram importante papel na vida escolar, cultural, social e literária de muitos leitores crianças e jovens. São esses leitores em potencial que irão determinar os pilares do sistema literário no Estado.

No tocante à produção literária presente nos periódicos analisados, focalizamos pequenos contos encontrados em *O Pequeno Mensageiro* e *O Liceu*. Destes, exemplificamos com a imagem que segue os contos “Sono eterno” e “Os dois meninos”, sendo o primeiro de autor desconhecido e o segundo de autoria de Coelho Neto:

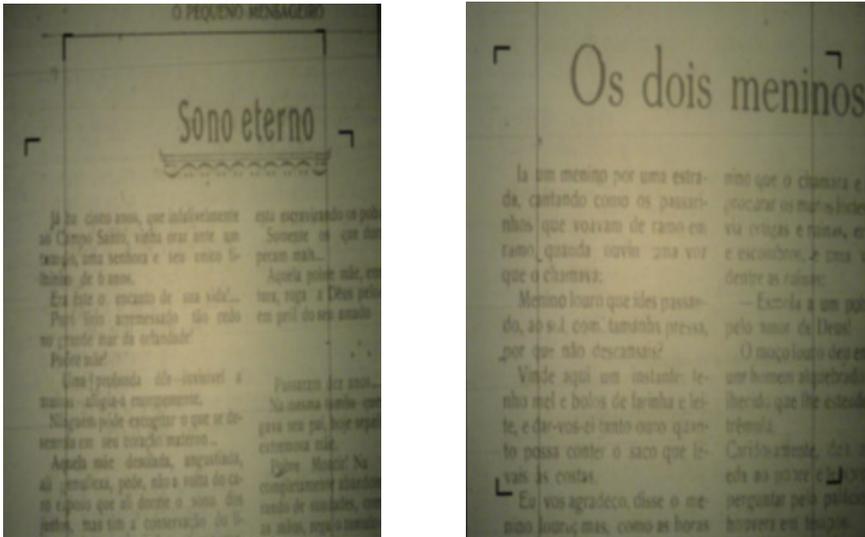


Fig. 3: Páginas internas dos jornais *O Pequeno Mensageiro* (nº 183, jan. 1933), com destaque para o pequeno conto “Sono eterno”, e de *O Liceu* (nº 10, abr. 1937), com destaque para o conto “Os dois meninos”.

No pequeno conto “Sono eterno”, o narrador, em terceira pessoa, conta a história de uma mãe e seu filho, uma criança de 6 anos chamada Moacir: “Puro lírio arremessado tão cedo no grande mar da orfandade” (ANÔNIMO, 1933). O menino e sua mãe “há cinco anos, infalivelmente, ao Campo Santo, vinha orar ante um túmulo” (ibid.). O narrador conta que a pobre viúva pedia não pela volta do esposo, que ali estava sepultado, mas sim pelo seu filho que estava crescendo em um mundo de “ruidosas cidades”, onde reinava o pecado e a angústia.

O enredo é desenvolvido utilizando uma linguagem formal, carregada de adjetivos como “genuflexa”, “excogitar”, “bafejado”. Logo no início da história está que dez anos depois, naquele mesmo lugar, diante da mesma tumba se encontra Moacir para o sepultamento de sua mãe. Agora, só restava ao rapaz aguardar o chamado de Deus.

Ele, como sempre houvera cumprido os ensinamentos, havia sido um bom filho e tinha certeza de que no tempo certo se encontraria com os seus entes queridos. Rodeado pelos maus espíritos, soube resistir e guardar os mandamentos ensinados pela mãe. Numa clara alusão à família e à igreja, o enredo revela a continuidade de uma expressão literária condicionada, que ainda não havia aberto caminho

para novas perspectivas e valores ideológicos que começavam a aparecer em outras produções.

O conto “Os dois meninos”, de Coelho Neto,<sup>5</sup> importante autor do final do século XIX e início do XX, traz a história de dois garotos que possuem comportamentos bem diferentes. Publicado em *O Liceu* em abril de 1937, o conto é na verdade um capítulo do livro do autor intitulado *América*,<sup>6</sup> obra de 1897. Nesse livro, um dos personagens, professor Eduardo, relata às crianças, seus alunos, uma edificante história.

Na narrativa publicada em *O Liceu*, o narrador começa por dizer que um menino, apresentado como “menino louro”, ia passando pela estrada quando ouviu: “Menino louro que ides passando, ao sol, com tamanha pressa, por que não descansais? Vinde aqui um instante: tenho mel e bolos de farinha e leite, e dar-vos-ei tanto ouro quanto possa conter o saco que levais às costas” (NETO, 1937).

O menino, a caminho da escola, não aceita o convite e o outro garoto, que faz a oferta, tenta convencê-lo de que não é necessário estudar. Conta que ele é muito rico, a ponto de morar em um palácio e viver sobre moedas de ouro. Mas o menino louro segue seu caminho e vai para a escola. Passados vários anos, volta ao mesmo local e lá chegando não avista mais o castelo, deparando-se somente com o garoto que era rico, em meio às ruínas de sua antiga morada. Ele, que no passado dizia não precisar estudar, não precisar saber por que “nasce uma planta ou por que brilha a estrela”, porque era muito rico, agora pedia esmola. “Tudo quanto eu valia as águas levaram, dizia ele.” Nesse relato, mais uma vez, fica explícito o valor da escola, dos estudos e da retidão de caráter na vida das crianças.

Verificamos em outros números do jornal *O Liceu* que a experiência literária brasileira inicial ainda era o modelo a ser seguido nas letras direcionadas a crianças e jovens em Mato Grosso, em plena década de 1930. Literatura e pedagogia continuavam a desenvolver-se unidas. O colégio era o exemplo de instituição edu-

---

5 *América* (1897) é a primeira das várias incursões do escritor à literatura destinada às crianças. Depois encontramos os registros de *Terra Fluminense* (1898), *Contos pátrios* (1904) e *A pátria brasileira* (1909), todos em colaboração com Olavo Bilac, e também *Apólogos* (1904), *Mandamentos cívicos e breviário cívico* (1922), além do *Teatro infantil* (1905), volume de peças curtas em prosa e verso, também elaborado em conjunto com Olavo Bilac.

6 O livro *América*, de Coelho Neto, publicado pela Editora Bevilacqua & Cia., provavelmente, foi o primeiro livro de educação cívica em prosa de ficção escrita por um autor brasileiro. Nesse sentido, insere-se no contexto de surgimento da literatura produzida especialmente para crianças no Brasil no final do século XIX.

cacional que ensinava os jovens a construir o seu futuro e a sociedade, e a literatura passava a ser o melhor veículo para que isso fosse registrado e ilustrado.

Voltando aos aspectos artístico-literários dos textos presentes nos periódicos em foco, citamos que a prosa curta e as narrativas de viagens, quase transformadas em narrativas aventurescas, tornaram-se divulgadoras da missão evangelizadora e moralizadora que se propunha. Em *O Pequeno Mensageiro* (nº 58, abr.1922), chama-nos atenção a publicação da coluna de autoria de José de Mesquita, intitulada “Das impressões de viagem”.

Publicada em mais dois números, a coluna do reconhecido autor mato-grossense relata as heroicas aventuras dos padres salesianos e demais aventureiros em meio a selvagens índios. Pretende registrar, com riquezas de detalhes e descrição de dados históricos, que em ato de coragem esses homens de Deus enfrentavam toda a adversidade para pregar o evangelho a toda criatura. Com um estilo rebuscado e detalhista, esses textos eram tidos como guias a serem lidos e seguidos, dentro e fora da escola.

É importante frisarmos que muitas dessas matérias, discursos e seções analisados por nós não são assinados, indicando a ação conjunta ideológica da ordem religiosa que mantinha a redação e administração dos dois jornais. Ao longo do percurso da construção do panorama da imprensa escolar infantil mato-grossense, deparamo-nos com textos de autores indicados apenas por iniciais e, outras vezes, nomes de escritores de dentro e fora do Estado, como José de Mesquita, Germano Ponce, José Raul Vilá, Nilo Póvoas, Dom Aquino Corrêa, Coelho Neto, Olavo Bilac, Antero de Quental, Padre Antonio Vieira, entre outros. Todos esses nomes representam o tradicionalismo cultural, ou seja, a valorização e manutenção dos grandes autores e das grandes obras literárias, “como modelos da cultura a ser assimilada e imitada”, explica Nelly Novaes Coelho (2010, p. 224).

Outra constatação é a escrita realizada massivamente por homens. A postura tradicional dos periódicos justificava o predomínio da presença masculina, não só no que dizia respeito aos textos literários, assim como no que concernia às demais matérias publicadas. Não identificamos textos escritos por mulheres nos jornais escolares *O Pequeno Mensageiro* e *O Liceu*. Nesses casos, certamente pelo fato de se tratar de periódicos editados em internato de meninos, dirigido por padres. Contudo, na pesquisa de Leonardo Arroyo (2011), há registro de jornais escolares dirigidos e ou direcionados a mulheres nos Estados do Ceará, Pernambuco e São

Paulo. Todos os demais registros são de periódicos organizados e editados por alunos, ex-alunos e professores homens.

Em Mato Grosso, não há registro de uma publicação escolar dedicada ou dirigida a meninas e moças. Como assinalamos anteriormente, dos registros literários de mulheres e para mulheres no Estado temos nos estudos de Yasmin Jamil Nadaf (1993) a mais importante contribuição. A autora destaca a revista *A Violeta*, veículo que circulou de 1916 a 1950. De modo geral, essa revista não se restringiu a publicações literárias, mas também destacou, em suas páginas, questões relativas à política, história, religião, cultura, moda etc., mas nada que marcasse a representação da criança.

### Considerações finais

Na observação de todos os aspectos apontados é possível compreender um pouco da cultura escolar e do perfil de leitor estudantil pretendido nesse âmbito na primeira metade do século XX. Uma cultura que direciona e determina os rumos tomados pelas letras dirigidas a crianças e jovens. Nesse contexto, todo o conjunto de ideias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentado ao longo do tempo nas instituições educativas repercutiam nos modos de pensar e de atuar dos sujeitos envolvidos nas demais manifestações sociais e culturais.

Analisando em conjunto as publicações dos jornais escolares aqui em foco, caracterizamos a natureza da formação leitora das crianças e jovens na primeira metade do século XX, na distante capital mato-grossense. Notamos que não havia separação entre o entretenimento e os ensinamentos. Há sim a permanência de uma forte tendência educacional que busca a consolidação de valores herdados. A esse respeito, Coelho (2010) aponta os pilares do sistema educativo que se transferem para as obras dos precursores da literatura infantil e juvenil. Para a autora, temos o intelectualismo, entendido como “valorização do estudo e do livro, como meios essenciais de realização social [...]”, e o moralismo e a religiosidade, vistos como “exigência absoluta de retidão de caráter, honestidade, solidariedade, fraternidade, pureza de corpo e alma, dentro dos preceitos cristãos” (COELHO, 2010, p. 224).

No que diz respeito aos gêneros presentes na imprensa escolar no Estado do Mato Grosso, notamos a predileção por narrativas – pequenos contos – e por poemas, por meio dos quais se deseja continuar ensinando modelos de bom comportamento.

Há, sobretudo, assuntos diversificados, voltados para os interesses de adultos e da ordem religiosa.

Mesmo trazendo toda essa submissão aos preceitos seguidos pelos religiosos e pelos professores do colégio, mesmo sendo o meio socializador de conhecimentos, de ensinar patriotismo e condutas de comportamento, os periódicos escolares, até a década de 1930, são determinantes para os rumos da cultura escrita e leitora mato-grossense.

Compreendemos que a temática e o teor artístico literário dos textos tanto em verso quanto em prosa contribuíram para a divulgação de modelos de comportamento tradicionais calcados nos princípios ideológicos da doutrina católica e igualmente positivista. Segundo Nadaf (2002), os proprietários ou editores dos jornais, autores e leitores eram burgueses e viviam como tal. O catolicismo reinava como religião oficial e dominante, a sociedade culta impregnava-se das diretrizes do movimento romântico, mesmo depois que este deixou de ser moda “e a literatura oficial, nascida com autores militares, já trazia um estilo precursor do positivismo anterior ao seu aparecimento, e fortalecia-se com a propagação dessa corrente filosófica” (ibid., p. 208-209). O tom moralizador que servia aos propósitos da linha discursiva dos textos presentes em *O Pequeno Mensageiro* e *O Liceu* almejava coibir, reprovar e punir todo comportamento social que fosse julgado inadequado para os alunos-leitores, como também para os adultos.

Consideramos que, mesmo não tendo promovido rupturas na série literária brasileira, ou não tendo apresentado inovações significativas, as manifestações artísticas literárias publicadas nas páginas dos jornais escolares foram um importante veículo de divulgação cultural, pois expressaram sentimentos, angústias e modos de perceber a realidade em que viviam os cidadãos daquele tempo. Notamos, portanto, um importante campo, lugar de onde se materializa a representação da criança e do jovem no Estado de Mato Grosso.

Os textos publicados nos periódicos em questão, ainda que não apresentassem qualidade estética elevada, adquirem importância como fonte histórica. O acervo consultado possibilitou-nos revisitar o passado. Lá encontramos marcas de constituição da criança e do jovem na sociedade mato-grossense do início do século XX. Lá estão as coordenadas da produção direcionadas a crianças e adolescentes no Estado. Assim sendo, afirmamos que os jornais escolares são fiéis testemunhos de uma época. Radiografia que revela a heterogeneidade cultural predominante em lugares e épocas.

## Referências

- ANÔNIMO. Sono eterno. *O Pequeno Mensageiro*, n. 183, jan. 1933.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 5 ed. rev. São Paulo: Manole, 2010.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Departamento de Processos Técnicos, Divisão de Microrreprodução. *Catálogo de periódicos brasileiros microfilmados*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro, 1994.
- NADAF, Yasmin Jamil. *Sob o signo de uma flor*. Rio de Janeiro: 7Letras, 1993.
- NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- NETO, Coelho. Os dois meninos. *O Liceu*, Cuiabá, n. 10, s/d abr. 1937.
- O LICEU*, órgão do Liceu de Artes e Ofícios S. Gonçalo, Cuiabá, n. 10, s/d abr. 1937.
- O PEQUENO MENSAGEIRO*, órgão das obras de Dom Bosco, Cuiabá, n. 58, 24 abr. 1922.
- O PEQUENO MENSAGEIRO*, órgão das obras de Dom Bosco, Cuiabá, n. 153, 14 fev. 1930.
- O PEQUENO MENSAGEIRO*, órgão das obras de Dom Bosco, Cuiabá, n. 165, s/d abr. 1931.
- O PEQUENO MENSAGEIRO*, órgão das obras de Dom Bosco, Cuiabá, n. 183, s/d jan. 1933.